

Cavalleria Rusticana¹ De Giovanni Verga

Tradução: Marcus Mota

Universidade de Brasília²

Antes do libreto homônimo para a ópera em um ato de Pietro Mascagni em 1889, a trágica narrativa em torno do relacionamento entre Santuzza e Turiddu, criada por Giovanni Verga (1840-1922) encontrou sua forma em um conto publicado na coletânea *Vita dei campi*, em 1880, o qual foi adaptado pelo próprio autor para o teatro em 1884.

Para os leitores e apreciadores de ópera, a versão teatral de *Cavalleria Rusticana* é pouco conhecida. O conto original foi traduzido entre nós e o libreto é de fácil acesso³. E por que retornar a este texto comprimido entre uma narrativa de sucesso e uma ópera famosa?

Em primeiro lugar, há a oportunidade de se acompanhar o processo de mutação do texto - de conto em drama. Essa mutação de gêneros realizada pelo próprio Giovanni Verga explicita pressupostos de tradução literária pouco estudados. Com isso, o entrelaçamento entre protocolos de escrita e leitura de textos narrativos e textos teatrais podem ser melhor compreendidos⁴.

No caso, Giovanni Verga na reescrita de seu conto redimensiona o espaço dos acontecimentos, a disposição das ações e a trama dos afetos. Este último tópico é fundamental: se antes o conto, ao articular as teses do verismo, enfatizava questões sociais e econômicas do contexto das personagens, no drama temos o enfoque na marcação emocional dos personagens, aproximando o universo representado da tradição do melodrama⁵. De uma certa forma a transposição realizada por Giovanni Verga já providenciavam algumas das operações que mais tarde seriam efetivadas pelos libretistas da ópera, Giovanni Targioni-Tozzetti e Guido

¹ Em português teríamos 'Cavalerismo rústico'. Para esta tradução nos valem da edição das obras teatrais de Giovanni Verga publicadas pela Mondadori, sob a direção de N. Tedesco (1980, pp. 29-48)

² Marcus Mota é Professor de Teoria e História do Teatro na Universidade de Brasília desde 1995. Para suas publicações, v. <https://brasil.academia.edu/MarcusMota>

³ V. *Cenas da Vida Siciliana*. São Paulo: Berlandis Editores, 2009, 63-71. O conto 'Cavalleria Rusticana' foi traduzido por Loredana de Stauber Caprara.

⁴ Sobre o tema, v. de Linda Hutcheon *Uma teoria da Adaptação* (Ed. UFSC, 2011) e E. Törnqvist *Transposing Drama* (St. Martin's Press, 1991).

⁵ Para uma análise das versões de *Cavalleria Rusticana*, v. J. Gaillard "Cavalleria Rusticana: Novela, Drama, Melodrama" in *Modern Language Notes* (MLN) 44(1992):178-195.

Menasci: no lugar das descrições, incorporadas em parte nas rubricas cênicas, e da centralidade do narrador, agora com a proliferação de diálogos entre os personagens, a versão teatral de Giovanni Verga procura por uma séria de focalizações, restrições, delimitações do material narrativo colocar em evidência o *pathos*, a incontrolável força das emoções.

Em segundo lugar, a tradução do texto da peça teatral oferece material para subsidiar processos criativos mais completos que levam em consideração atividades de pré-produção, de pesquisa e discussão das fontes de obras multidimensionais. Ou seja, diretores, cenógrafos, figurinistas e iluminadores podem contar as referências do conto e do texto teatral para fundamentar suas decisões sobre atuação, objetos de cena, figurinos, cenários. Desta maneira, aquilo que é sucessivo em termos de fontes (o conto, o drama, o libreto) pode se apresentar simultâneo na representação da ópera. Ainda, durante a preparação dos intérpretes, a discussão com as fontes e versões da *Cavalleria Rusticana* possibilita referências para as decisões quanto as opções de atuação.

Dessa maneira o contato com esta modalidade de tradução ou transposição faculta tanto para pesquisadores quanto para artistas o encontro com a vitalidade do texto em suas transformações, situação homóloga ao trabalho multiseular sobre os mitos: para perdurar é preciso se transformar.

Giovanni Verga com sua *Cavalleria Rusticana* para o teatro atinge essa dimensão dos atos escriturais ao traduzir-se, ao deslocar-se na intratextualidade sem confinar a uma reexposição modorrenta de si mesmo. Desse modo, mais que uma versão do conto homônima da narrativa, a versão de Giovanni Verga é um nova obra, um novas apropriações e transformações.

Talvez em função disso tenha havido a contenda jurídica entre Giovanni Verga e os libretistas da versão operística: Giovanni Verga viu no amálgama entre o conto e o drama no libreto elaborado por Giovanni Targioni-Tozzetti e Guido Menasci não uma nova obra e sim uma justaposição entre as obras que ele havia produzido⁶.

Durante a tradução, houve a preocupação em manter e explorar a oralidade e fluência presentes no original. Em sua obra, Giovanni Verga vale-se do que Gaspere Trapani definiu

⁶ Sobre a contenda, v. de Giovanni Celati "Cavalleria in tribunale" In: *Cavalleria Rusticana 1890-1990: cento anni di un capolavoro*. Atti del convegno a cura di P. e N. Ostali. Milão: Sonzogno, 1990, 115-121.

como reconstrução de "uma língua que pode ser considerada um italianização do calão siciliano, ou seja uma expressão que, mesmo sendo italiana, não perde completamente sua estrutura dialetal."⁷ Ou seja, em prol de uma tentativa bem sucedida fundir verbalmente a caracterização do universo representado e as falas dos agentes desse universo representado, Giovanni Verga desenvolve uma linguagem narrativa que explora as tensões entre a língua literária geral italiana para expressar ideias e emoções e os referentes sociais, tópicos, a partir de expressões do dialeto siciliano.

Para tanto, foi relevante o fato de o texto traduzido ter sido utilizado e revisto durante sua remontagem pelo Laboratório de Dramaturgia (LADI) em apresentações no Teatro Nacional de Brasília em 2006⁸. Assim, o processo de tradução foi fazer convergir a comunicabilidade presente na coloquialidade das personagens de Giovanni Verga e soluções tradutórias revistas durante os ensaios.

Como se pode perceber, uma das grandes dificuldades na tradução consistiu na decifração dos detalhes do imaginário rural siciliano registrado por Giovanni Verga. Objetos, ações, reações, figurinos são nomeados em profusão, sendo que a grande personagem da obra é a cidade mesma.

Pracinha do vilarejo, irregular. Ao fundo, à esquerda, uma trilha arborizada que conduz à Igreja e o muro de um jardim que cerca essa praça. À direita, um atalho, entre duas cercas de cravo da índia, que se perde na mata. No primeiro plano, à direita, a vendinha, o comércio da dona Nunzia, folhagens junto à porta, um balcão com ovos, pães e verduras; do outro lado da porta, um banco junto ao muro. A vendinha faz esquina com uma estradinha que vai para a parte interna do vilarejo. Noutra esquina, a caserna dos soldados, com o brasão no portão. Mas adiante, na mesma linha, a estalagem do Tio Brasi, com um amplo alpendre em frente. No primeiro plano, à esquerda, um terraço com parreira. Depois, uma estradinha. E, enfim, o casebre da Tia Filomena.

⁷ Gaspare Trapani "A tradução entre idiomatismos e oralidade: La Roba de Giovanni Verga nas traduções em Português e em Inglês" *Revista Lusófona* 6/7/8(2002):166-170.

⁸ Sobre a produção, v. o guia do espetáculo em <https://brasil.academia.edu/MarcusMota/Musical-Guides>. Sobre o LADI, v. M.Mota "Teatro musicado para todos: experiências do Laboratório de Dramaturgia" *Revista Participação* 25(2014): 80-96.

CENA 1

Tio Zio Brasi atravessa a cena vindo da esquerda trazendo na cabeça um feixe de feno que vai colocar sob o alpendre. Comadre Camilla sobre o terraço, desviando-se das roupas do varal. Mulheres esguias se dirigindo para a Igreja. Um camponês assenta-se sob o alpendre, queixo entre mãos, cantarolando. Soa a missa. Tia Filomena sai do comércio da Dona Nunzia usando roupas sob o avental.

COMADRE CAMILLA

Gastando, heim tia Filomena?...

TIA FILOMENA

Hoje é Páscoa., com a graça de Deus.(Entra em casa)

COMADRE CAMILLA (Para Santuzza que chega nervosa vindo do primeiro atalho à esquerda, com o rosto escondido sobre o xale). Comadre Santa, andou se confessando?

(Santuzza dirige a cabeça na direção de Santuzza e segue sem responder)

TIO BRASI (Da estalagem, para comadre Camilla)

Entra prá dentro, e cuida da tua vida, sua linguaruda fofoqueira! (Comadre Camilla entra de volta para casa. Tio Brasi, para um soldado que se debruça sobre o terraço da caserna:) Como eu gosto de provocar aquela diaba da minha mulher !(Ao camponês assentado:) Vem aqui, compadre Pepe. (Tio Brasi o conduz à estalagem)

SANTUZZA (na porta da taverna) Dona Nunzia!

DONA NUNZIA (aparecendo na janela) Você!! O que você quer?! (O soldado entra para sua janela)

SANTUZZA

Não precisa ficar assim – não vou demorar. Mas me responda somente isso: o teu filho, Turiddu, ele está aí?

DONA NUNZIA

Então você veio aqui atrás de meu filho Turiddu!?... Não, ele não está!

SANTUZZA

Ah Senhor bendito!

DONA NUNZIA

Fica sabendo que eu não entro nessas suas sujeiras!

SANTUZZA (Abrindo o xale) Ah, Dona Nunzia, a senhora não quer me olhar na cara, ver meu rosto? Faça como Jesus Cristo fez diante de Maria Madalena...me diga: onde está o seu filho Turiddu, por caridade!!!

DONA NUNZIA

Foi para Francofonte comprar vinho .(Tia Filomena aparece junto à saída de seu casebre com a mão sobre o ventre).

SANTUZZA

Não foi! Ontem de noite ele estava por aqui. Eu vi. Eram duas da manhã.

DONNA NUNZIA

O que você está me dizendo!... Olha, ele não voltou pra casa essa noite....venha cá, entra.

SANTUZZA

Não,dona Nunzia... Não posso entrar...

TIO BRASI (do alpendre) Ô tia Filomena, já que hoje é Páscoa, e até sogra e nora fazem as pazes, será que a gente não pode se abraçar e beijar então ?

TIA FILOMENA

Cale a boca, excomungado! (reentra)

DONA NUNZIA

Desembucha! No que meu filho se envolveu?

SANTUZZA

Fale mais baixo, dona Nunzia!

PIPPUZZA (de uma estradinha no fundo a esquerda, vindo carregando um cesto) Ovos frescos, Dona Nunzia?

DONA NUNZIA

A três por dois eu aceito. Sabe, tô com pouco dinheiro.

PIPPUZZA

Prefiro alimentar meus filhos com eles, e assim ter minha própria Páscoa. Será muito melhor.(saindo)

TIO BRASI

Mas não foi se confessar ainda , Dona Nunzia?

DONNA NUNZIA (Para Pippuzza)

Vai te embora! Não é porque hoje é Páscoa que vou pagar um por um! Nem uma dúzia mais! Agora pelo menos um você vai me dar de presente. E os outros todos juntos enfia lá... sem que rasgue o teu.... ouviu? Pro inferno! Aqui ó!!(gesto de figa)

TIO BRASI

Liga não, Pippuzza, liga não. Chega mais, vamos fazer negócio nós dois. Vem aqui na minha casa...(Pippuzza sai pela primeira estradinha a esquerda)

DONA NUNZIA (Para Santuzza)

E tu: fala! O que você sabe do meu filho Turiddu?!

SANTUZZA

Nada, não sei de nada!

DONA NUNZIA

Onde ele esteve essa noite? Por que não voltou para casa?

SANTUZZA (Irrompendo a chorar com o rosto coberto pelo xale)

Ah, Dona Nunzia, tenho um punhal cravado no meu coração!

DONA NUNZIA

Então você sabe aonde Turiddu esteve?!!!

COMPADRE ALFIO (vindo da primeira estradinha à direita, com um garrafão na mão.)

Ainda tem daquele bom vinho pra me vender, dona Nunzia?

DONA NUNZIA

Vou ver. Turiddu vai trazer mais dele hoje de Francofonte.

COMPADRE ALFIO

Como se ele ainda está por aqui. Hoje mesmo, de manhãzinha eu vi seu filho. Ele por acaso não usa um boné vermelho de militar?(Comadre Camilla aparece de novo no terraço)

SANTUZZA (Pegando o garrafão da mão do Compadre Alfio e o dando para a Dona Nunzia) Vá lá dentro e vê se tem um resto desse vinho sobrando!(Dona Nunzia entra na taverna)

COMPADRE ALFIO

Você entende tudo de casa não é, comadre Santa?!!

COMADRE CAMILLA

Compadre Alfio, o senhor veio para a Páscoa com sua mulher, a Lola?

COMPADRE ALFIO

Sim, pelo menos para as festas principais.

TIA FILOMENA (da porta de sua casa, com o xale sobre o braço, para a comadre Camilla) Por que você não foi à missa ainda?

TIO BRASI (Vindo da esquerda)

Compadre Alfio! Vem, vem comigo! Vamos dar uma passadinha ali em Millitello ?

COMPADRE ALFIO

Quem sabe amanhã, Tio Brasi.por hoje vou cear a Páscoa em casa.

TIA FILOMENA

“Carnaval faço com os outros, Páscoa e Natal com os meus”

COMADRE CAMILLA (Para Compadre Alfio)

E sua mulher, por que ela passa o natal e a páscoa aqui, heim?

COMPADRE ALFIO

Não sei nada disso. Mas é por causa do meu trabalho. Comadre Camilla. Por causa dele tenho que andar sempre viajando, pra lá e pra cá, guiando a carroça.

DONA NUNZIA (voltando com o garrafão cheio e com o xale dobrado, que deixa sobre o balcão da verduras) Esse tá melhor que aquele outro,Compadre Alfio. Você vai me dar razão depois que beber dele. Faz bem até prá alma. São dezoito reais.

TIA FILOMENA

O senhor não me respondeu,Compadre Alfio.Sua mulher é jovem e...

COMPADRE ALFIO

Minha mulher sabe que uso meu chapéu do jeito que eu quero (Batendo no peito)e sabe que julgo e dou sentença tanto pra ela quanto prá qualquer um outro. (Dois soldados em vigia saem da caserna e se vão pelo caminho da Igreja) Os meus interesses eu mesmo resolvo,sabem, sem necessidade daqueles ali de penacho.Como todos nessa cidade, Graças a Deus.(Soa pela segunda vez o sino da missa)

TIA FILOMENA (Fazendo o sinal da cruz)

Parece tão longe!(fecha a porta à chave, veste o xale na cabeça e dirige-se para a igreja.)

COMADRE CAMILLA

Vou também,Tia Filomena, já estou indo.(Pelo Terraço)

TIA FILOMENA(Pra o Compadre Alfio)

É melhor você ir contar pra tua mulher que já sou a missa, seu excomungado!

COMPADRE ALFIO

Não deixo de conduzir minhas bestas,ouviu? Não duvide: também sou um cristão.

DONA NUNZIA(Para compadre Alfio) Dezoito reais!

COMPADRE ALFIO

Já sei, calma, sua mão de vaca! Deixa pelo menos contar o dinheiro.

COMADRE CAMILLA (Da primeira estradinha à esquerda, com o xale na cabeça,dando a chave para seu marido)

Toma aí a chave, viu! E vê se não chega só no fim da missa como de costume! (Vai em direção da Igreja com a Tia Filomena. O Tio Brasi volta para a estalagem. Do outro lado o povo atravessa a pracinha aos poucos para entrar na Igreja)

COMPADRE ALFIO(para Dona Nunzia)

Então toma teus dezoito reais. Faça bom proveito!(vai saindo por onde havia entrado)

DONA NUNZIA

E aonde você por acaso viu meu filho Turiddu, Compadre Alfio?

SANTUZZA (em voz baixa, dando um puxão na roupa de Donna Nunzia)

Não fale mais nada, por caridade!

COMPADRE ALFIO(Meio desconfiado)

Vi seu filho hoje de madrugada, quando eu chegava em casa. Ele estava quase correndo de tanta pressa, nem sei se me percebeu. Quer que eu mande vir aqui quando o encontrar?

DONA NUNZIA

Não, não vai ser preciso.(Compadre Alfio sai. Para Santuzza.) Por que ficou me fazendo gestos para eu ficar calada?(Santuzza não responde e inclina sua cabeça)

DONA NUNZIA

E essa ... no que você não pára de pensar?...

SANTUZZA (escondendo o rosto no avental e se esvaindo em lágrimas) Ah, dona Nunzia!

DONA NUNZIA (pega de surpresa)

É a Dona Lola, não é? A mulher do compadre Alfio...

SANTUZZA

O que posso fazer agora que Turiddu me abandonou?...

DONA NUNZIA

Minha pobrezinha! Eu ... Eu não sei o que dizer... Não, isso não pode estar acontecendo. Você se enganou! Compadre Alfio deve ter se enganado também. Tanta gente deve usar esse boné vermelho que...

SANTUZZA

Não, não: o Compadre Alfio não se enganou. Era Turiddu mesmo,era ele.

DONA NUNZIA

Como você tem certeza disso?

SANTUZZA

Eu tenho...Compadre Turiddu, antes de servir como soldado, vivia de conversa com Dona Lola.

DONA NUNZIA

É, mas quando ele voltou encontrou ela casada com o Compadre Alfio, de Licodia, e daí teve que acalmar seu coração.

SANTUZZA

Mas ela não, ela não acalmou foi nada!.

DONA NUNZIA

E como você sabe dessas coisas ?

SANTUZZA

Eu sei, pois ela sempre aparecia quando via que ele estava em frente da minha porta. Aquela excomungada me roubava Turiddu com os olhos e procurava de todo jeito puxar conversa com ele – “Compadre Turiddu, o que você veio fazer por aqui? Não sabe que foi tudo a vontade de Deus ? Vai, vai indo, que tudo aqui pertence ao meu marido” – A tal ‘vontade de Deus’ era para tentar seu filho. Então ele ficava cantando debaixo de minha janela só por despeito, já que ela era casada com outro. A verdade é que amor antigo não se esquece. E eu, ouvindo aquele cristão cantar, era como se meu coração saia do meu peito. Eu estava era maluca! Como eu poderia dizer não quando ele pedia “- Abre Santuzza, eu gosto muito de você, de verdade!” - Como eu poderia? - “ Compadre Turiddu, me escuta: jura isso diante de Deus, primeiro” – E ele jurou. Depois, como pude bem saber, aquela mulher má caiu em um ciúme mortal. E colocou na cabeça que ia roubar Turiddu de mim. E foi assim Turiddu me trocou por ela. (gesto de mão) Ele diz que não, porque tem pena de mim. Mas ele não me ama mais... principalmente agora que estou nesse estado... Meus irmãos, quando souberam, ameaçaram me bater. Mas não ligo prá isso. Se Turiddu não quisesse ficar com aquela outra, eu morreria feliz. Ontem ele veio me dizer – “Olha, to indo fazer um serviço” – Que cara de pau! Ah Senhor meu Pai! Traição de Judas! Sem coração e me sorrindo !...Mais tarde uma vizinha minha que encontrei na rua me disse que havia visto Turiddu perto de onde a gente mora, em frente da porta da Dona Lola.

DONA NUNZIA (fazendo sinal da cruz) Ai Filho de Deus, que desgraça você veio me contar logo hoje nesse dia sagrado...

SANTUZZA

Ah desgraça! Mas logo que dia foi justo nascer hoje prá mim, Dona Nunzia!

DONA

Me escuta:vai, minha filha, se joga aos pés da cruz!

SANTUZZA

Não posso, Dona Nunzia, não posso entrar na Igreja!

DONA NUNZIA (Desdobrando o xale e colocando-o na cabeça)

Mas eu não vou perder a festa religiosa.

SANTUZZA

Pode ir que eu fico aqui cuidado do comércio.

DONA NUNZIA

E o que você vai fazer?

SANTUZZA

Não sei. Vou ficar esperando por ele (Apontando para o banco junto da porta) como uma pobrezinha pedindo esmolas.

DONA NUNZIA

Aqui, na minha casa?

SANTUZZA

Não precisa ter medo, não vou entrar. E não me expulse da porta, Dona Nunzia. Faça como o Senhor Misericordioso, do jeito que falam dele na Igreja. Me deixe ficar aqui! Me deixe falar com ele, pela última vez, por favor, pela alma dos seu queridos mortos, Dona Nunzia!

DONA NUNZIA(Resmungando, indo em direção da Igreja)

Ah Senhor, nos ajude! Nos Ajude!

TIO BRASI (Da estalagem) Espera, espera, Dona Nunzia: não feche o comércio que eu já to chegando!(Dona Nunzia segue seu caminho. Tio Brasi para Santuzza) Você não vai para as festas da Páscoa, comadre Santa? Quer que a gente recite junto o santo rosário?

SANTUZZA

Me deixe no meu canto.

TIO BRASI

O quê? Olha que não como mais nada daqui, diabo! Como se ninguém soubesse que...

SANTUZZA

Me deixa....

PIPPUZZA(Do primeiro atalho esquerda, resfolegante)

Será que chego a tempo nas festas, Tio Brasi?

TIO BRASI

Correndo acho que chega. (Pippuzza sai. Tio Brasi para Santuzza)

Olha, eu sou como o sino da igreja: chamo todo mundo, mas fico do lado de fora.(Em direção do atalho da direita ao fundo) Bem que você queria que eu ficasse!...Os muros ... eu podia ficar...(vai em direção à Igreja).

CENA II

Turiddu Macca vindo rápido do atalho da direita ao fundo e Santuzza de véu em pé esperando-
o.

TURIDDU

Santuzza!.. Você por aqui... ?

SANTUZZA

Estava te esperando.

TURIDDU

E minha mãe? Onde...

SANTUZZA

Foi prá Igreja.

TURIDDU

Então vai você também, que quem cuida daqui sou eu.

SANTUZZA

Não, não vou prá Igreja nenhuma.

TURIDDU

Mas é dia de Páscoa!

SANTUZZA

Você sabe muito bem por que não posso ir lá...

TURIDDU

Mas então o quê você quer ?

SANTUZZA

Falar contigo.

TURIDDU

Aqui, no meio da rua?

SANTUZZA (confiante,mostrando que não se importa com os outros)

Por mim...

TURIDDU

O povo pode ver!

SANTUZZA

Por mim...

TURIDDU

E por quê tudo isso?

SANTUZZA

Me fale: de onde você tá chegando agora ?

TURIDDU

Ah não, essa não: não tenho que te dar satisfação nenhuma!

SANTUZZA

Onde você esteve essa noite?

TURIDDU

Só me faltava essa! Me obrigar a...

SANTUZZA

Prá quê essa indignação toda ? Não pode me responder?

TURIDDU

Estive em Francofonte, ouviu? Francofonte!

SANTUZZA

Mentira! Ontem às duas da madrugada você ainda era visto por aqui.

TURIDDU

Olha, então estive onde me parecia melhor estar.

SANTUZZA (deixando cair o xale sobre os ombros)

Ah compadre Turiddu, por que você me trata desse jeito? Não me olha nos olhos... não vê que estou morrendo de dor e paixão?

TURIDDU

Tudo é culpa tua. Não sei o quê você meteu na cabeça. Essas suas loucuras vão acabar me trazendo vergonha. Ficar me vigiando assim... como se eu fosse um moleque... Por acaso agora deixei de ser senhor de mim e posso não fazer o eu que quiser?

SANTUZZA

Não, não: não sou dessa que vive por aí fazendo perguntas. Apenas disse o que me disseram, que te viram de madrugada na porta da Dona Lola.

TURIDDU

E quem foi que disse isso?

SANTUZZA

O próprio Compadre Alfio, o marido dela.

TURIDDU

Ele?!!! Ah, então é assim que você mostra que me ama, indo enfiar pulga na orelha do compadre Alfio?!!! Arriscando que ele venha atrás de mim prá me matar?!!!

SANTUZZA (de joelhos no chão, as mãos juntas, suplicando)

Turiddu, como você pode dizer isso ?!!!

TURIDDU

Levante! Pare com essa encenação! Levante ou eu vou embora!

SANTUZZA (Erguendo-se lentamente)

Onde você esteve? Quer me largar como se eu fosse uma Maria Madalena?

TURIDDU

O que eu posso fazer se você não acredita no que eu falo? Você acredita mais no que outros dizem que em mim! Vou falar mais uma vez: essa é a verdade - Compadre Alfio se enganou. Eu estava era ocupado com minhas coisas. Olha, pra que insistir nessa história da Dona Lola justamente agora que o marido dela está por perto?!!! Não dá prá ver o quanto você é idiota?

SANTUZZA

O marido dela chegou essa manhã e...

TURIDDU

Ah, não sei por que ainda respondo!... Que coisa! Ficar me vigiando o tempo inteiro! Não tenho mais poder sobre mais nada!

SANTUZZA

Tem sim, Turiddu. Se quiser, você pode me matar como se eu fosse uma ovelha, torcendo meu pescoço só com a força de tuas mãos ou me fazer lambar essas tuas mãos mesmas, como se eu fosse uma cadela.

TURIDDU

Sei...

SANTUZZA

Mas a dona Lola não, viu! Ela só quer me desgraçar a alma.

TURIDDU

Esquece a dona Lola, deixe a dona Lola na casa dela.

SANTUZZA

E eu, onde eu fico? Por que ela quer roubar você de mim? Por que ela não escolhe outro?

TURIDDU

Olha bem que você tá se enganando.

SANTUZZA

Não, não estou enganada. Você não vivia atrás dela antes de ir pro exército?

TURIDDU

Águas passadas! Dona Lola é casada agora.

SANTUZZA

E daí? Você parou de gostar dela só porque ela se casou? E ela não te roubou de mim só por ciúme? E a paixão que eu sinto por ti acabou depois que eu soube que você me traiu?

TURIDDU

Cala-se essa boca, mulher! Cala essa boca!

SANTUZZA

Não, não posso ficar calada com essa raiva do cão aqui dentro! O que vou fazer se você me abandonar?

TURIDDU

Se você não me jogar de costas contra a parede eu não te abandono. Mas uma coisa eu te digo: quero ter a liberdade de fazer o que me parece melhor e me agrada. Graças a Deus não nasci com correntes no pescoço.

SANTUZZA

O que você tá querendo dizer com isso?

TURIDDU

Que esse ciúme sem motivo te deixou desmiolada.

SANTUZZA

E a culpa é minha, é? Acha que sou ridícula? E a dona Lola não, ela é melhor que eu, é? Ela, toda cheia de jóias. O marido não deixando faltar nada, tratando a mulher como se ela fosse uma nossa Senhora sobre o altar... ah, aquela excomungada!

TURIDDU

Pare com isso já!

SANTUZZA

Olha como você defende essa mulher!

TURIDDU

Não defendo ninguém! Não estou nem aí com o que o marido faz prá ela. Agora o que me interessa é não ser visto como alguém que não tem a liberdade de fazer o que bem quiser. Ah, isso não!

CENA III

Dona Lola surgindo no primeiro atalho à direita. Turiddu e Santuzza.

DONA LOLA

Compadre Turiddu! Por acaso o senhor viu meu marido na Igreja?

TURIDDU

Não vi não, comadre Lola. Acabei de chegar.

DONA LOLA

Ele me disse – “Vou ao ferreiro levar o cavalo para consertar a ferradura e já já te alcanço na igreja” – E vocês, sobre o que estão conversando aqui longe das festas da Páscoa?

TURIDDU

A comadre Santa aqui estava me dizendo que...

SANTUZZA

Estava falando prá ele que hoje é um dia muito especial. E que o Senhor lá do céu vê todas as coisas.

DONA LOLA

E por que você não está na igreja?

SANTUZZA

É preciso ter a consciência limpa para entrar lá.

DONA LOLA

Eu dou graças a Deus e beijo a terra (se inclina a tocar o solo com a ponta dos dedos que havia beijado)

SANTUZZA

As graças só acontecem quando for necessário, Dona Lola. Segundo dizem “ aquele que pisa sua terra com os pés não é digno de meter o rosto nela.”

TURIDDU

Vamos indo, dona Lola, que a gente não mais nada o que fazer aqui.

DONA LOLA

Não se incomode por mim, compadre Turiddu, que o caminho eu ando com meus próprios pés. E não quero atrapalhar os seus negócios.

TURIDDU

Não, mas aqui tá tudo resolvido. Eu já disse.

SANTUZZA (detendo-o, segurando sua jaqueta)

Tá não: a gente tem ainda muito prá conversar.

DONA LOLA

Aproveite, compadre Turiddu. Fique aí resolvendo suas coisas que eu ainda não vou resolvi as minhas.

CENA IV*TURIDDU E SANTUZZA*

TURIDDU (louco de raiva)

Ah, viu o que você fez?

SANTUZZA

Vi!

TURIDDU

E foi de propósito?

SANTUZZA

Foi!

TURIDDU

Ah, sangue de Judas!

SANTUZZA

Me mata então!

TURIDDU

De propósito! De propósito!

SANTUZZA

Não me importo mais com nada. Me mata, me mata!.

TURIDDU

Não, matar não adianta. (saindo)

SANTUZZA

Então...vai me abandonar ?

TURIDDU

Vou: é o que você merece.(Soa o sino da louvação)

SANTUZZA

Não faça isso comigo, Turiddu! Ouviu esse sino?

TURIDDU

Não adianta.Não vou me deixar levar por nada, entendeu?

SANTUZZA

Ah, quer dizer que você pode fazer o que quiser comigo? É, mas dessa vez não!

TURIDDU

Cheia de esperteza, heim?! Vou embora pra encerrar esse seu espetáculo!

SANTUZZA

Tá fugindo, é? Prá onde?

TURIDDU

Não te devo... vou prá missa.

SANTUZZA

Não, você vai é se humilhar indo atrás da dona Lola . Você não presta mais atenção em mim.

TURIDDU

Sua doida!

SANTUZZA

Então sai daqui, Turiddu! Mas não vá prá Igreja. Sem mais pecados, pelo menos por hoje. Não me faça essa afronta de correr atrás daquela mulher.

TURIDDU

Você é que me afronta, fazendo questão de mostrar a todo mundo que não posso mais dar um passo sem teu comando, como se eu vivesse sob a sola do teu sapato, feito um moleque!...

SANTUZZA

Você não liga prá mim, não vê que você me faz ficar desesperada até a morte?

TURIDDU

Mulher maluca!

SANTUZZA

Maluca, doida, doidinha mesmo! Tudo por causa das coisas que você me colocou na cabeça!

TURIDDU (livrando-se com força dela)

Esperta, muito esperta! Falsa!

SANTUZZA

Turiddu! Pelo amor do Deus da hóstia consagrada, não me troque pela dona Lola.(Turiddu sai)
Ah! Que você tenha a pior páscoa da tua vida!

CENA V

Compadre Alfio apressado, vindo de um caminho ao fundo à direita, e Santuzza no meio da cena.

SANTUZZA

Ai, foi Deus nosso Senhor que te enviou, compadre Alfio!

COMPADRE ALFIO

Em que ponto está a missa, heim comadre Santa?

SANTUZZA

O senhor chegou tarde. Mas a tua mulher está com Turiddu Macca, te procurando.

COMPADRE ALFIO

O que você tá querendo me dizer?

SANTUZZA

Que tua mulher passeia adornada de ouro como a Santa Virgem no altar, o que deve ser um motivo de honra pro senhor, não é Compadre Alfio?

COMPADRE ALFIO

E você, o quê tem com isso?

SANTUZZA

Eu nada, mas o senhor sim, já que enquanto atravessa o mundo atrás do sustento e dos presentinhos pra sua mulher, essa mesma te enfeita a casa de um outro modo!

COMPADRE ALFIO

Mas o que a senhora está me dizendo, comadre Santa?

SANTUZZA

Digo que enquanto o senhor está viajando, por terra e mar, ganhando a vida, a comadre Lola, sua mulher, te enfeita a casa de um jeito feio e sujo!

COMPADRE ALFIO

Pelo nome de Deus, dona Santa, juro que se a senhora já está bêbada a essa hora da manhã da Páscoa eu faço sair o vinho do teu nariz agora mesmo!

SANTUZZA

Não estou bêbada, compadre Alfio. Falo com o juízo em ordem.

COMPADRE ALFIO

Ouve: se é verdade o que você me disse, eu te agradeço muito, e beijo tuas mãos como se estivesse beijando as mãos de minha mãe que jaz no cemitério, comadre Santuzza. Mas, se estiver mentindo, pela alma dos meus antepassados, que eu juro que não vou deixar que fique nem de ti nem de nenhum de teus parentes um olho só pra chorar o que vou fazer com vocês todos!

SANTUZZA

Chorar não posso mais, compadre Alfio. Esses olhos não têm mais o que chorar desde que viram Turiddu Macca, depois dele ter tirado minha honra e ter ficado com dona Lola, sua mulher!

COMPADRE ALFIO (Recompondo-se rapidamente. Calmo)

Já que é assim, que seja. Eu te agradeço, comadre.

SANTUZZA

Não, me agradeça não! Como eu sou perversa e má!

COMPADRE ALFIO

Não se acuse disso, comadre Santa, não se acuse! Perversos foram eles que atravessaram o teu e o meu coração com uma faca. E digo mais: se o coração deles fosse rasgado de verdade e se eles fossem envenenados mesmo assim teriam ainda sofrido pouco ou nada! Se você se encontrar com minha mulher, diga prá ela que eu fui em casa pegar um presentinho pra o compadre Turiddu. (Sai pelo primeiro caminho à direita)

O povo começa a retornar da Igreja e se dispersa para direita e esquerda. Turiddu Mamma, Dona Lola, Comadre Camilla, Dona Nunzia, tia Filomena vêm na frente sem olhar para Santuzza que fica junto ao caminho ao fundo à direita, encoberta pelo xale. Somente o Tio Brasi, que vem por último, percebendo, fala com ela:

TIO BRASI

Ô comadre Santa, quer dizer que vai prá igreja quando todo mundo já foi embora?!!

SANTUZZA

Estou em pecado mortal, tio Brasi!(Entra na Igreja)

CENA VI

Tio Brasi entra na estalagem. Comadre Camilla se dirige para sua casa. Tia Filomena enfia a chave na fechadura. Dona Nunzia entra no seu comércio para tirar o xale.

TURIDDU (Com dona Lola que vem com ele) Comadre Lola, não fique assim, sem falar nada comigo!

DONA LOLA

Vou prá casa. Estou preocupada com meu marido. Ele não apareceu na Igreja.

TURIDDU

Não há com que se preocupar. O compadre deve está por ai na praça. Vem, vem comigo beber um pouco de vinho. Vamos todos amigos, vizinhos. À nossa saúde e por uma boa Páscoa. Venha, Dona Camilla! E a senhora também, Tia Filomena!

TIA FILOMENA

Já estou indo, já estou indo.(Entra para tirar o xale e volta logo)

DONA LOLA

Agradeço o convite, compadre Turiddu, mas tenho mesmo que ir.

TURIDDU

Mas não me faça uma desfeita dessas, comadre! Não vai me dizer que a senhora está com raiva de mim?

DONA LOLA

Mas por quê estaria? Por qual motivo eu...

TURIDDU

É isso mesmo que eu quero saber. Por que a senhora estaria com raiva de mim se eu não fiz nada? Olha, o dia de Páscoa deve ser como dia de nos ajustar uns com os outros. E vamos mandar alguém chamar teu marido, o Compadre Alfio, prá ele também beber com a gente.

TIO BRASI (Se aproximando) Alegria! Alegria!

COMADRE CAMILLA

Prá esse aí não precisa festa!(Dobra o xale e o coloca sobre o braço)

TURIDDU (gritando para dentro da vendinha)

Ô mãe! Tem ainda daquele ? Traz!

MÃE (surgindo reclamando)

Tem sim, daquele que você devia ter trazido lá de Francofonte!...

TURIDDU

Tá bem, tá bem. Hoje é dia de Páscoa, mãe! Sem cara feia, viu ? Já chega uma que...Depois eu te explico tudo, tá bom ? . não podemos deixar nossos amigos esperando, não é?

TIA FILOMENA

É dona Nunzia,vamos logo, que essa sua vendinha hoje não teve lucro nenhum!

TURIDDU

Mas por favor: deixem que eu pago. Hoje é tudo por minha conta.(Dona Nunzia volta para dentro)

TIO BRASI

Se não tiver alguém para pagar,não tem festa!

DONA LOLA

Quem vai poder saber o quanto gastou nesse tipo de galanteio com as mulheres lá de baixo, as perdidas, quando você era soldado! Olha quanta experiência!...

TURIDDU

Mas que que é isso! Que mulheres são essas?! Lá quem sempre eu tinha na lembrança era vocês.

COMADRE CAMILLA

Essa você pode contar pros que já se foram dessa vida.

TURIDDU

Palavra, comadre Camilha! Minha palavra! Os soldados, com aquelas plumas todas, como a senhora bem sabe, são como mel, para as mulheres. Uma beleza que elas desejam muito. Mas eu não era assim. Com diz o ditado, 'longe dos olhos, longe do coração'.

LOLA

Homens... quem pode acreditar neles?

TURIDDU

A mulher, a mulher, dona Lola. Pois foi ela mesma que o viu fazendo mil juramentos; e depois quando o pobre diabo foi nem prá muito longe, o coração deixou com ela, e os pensamentos, e não come e não dorme mais, sempre com a mente em uma só coisa. Então chega a notícia como um tiro no seu peito – “Não sabe o que aconteceu? A fulana se casou!” - Que desgraça!

TIA FILOMENA

Casamentos e bispados só pelo céu são arrumados.

LOLA

Você acredita mesmo nisso? Que também não pensamos naqueles que nos deixaram, e agora estão entre novas mulheres? Que a gente não se importa? Como se vocês não ficassem com o coração em paz logo com a primeira que caísse nessa conversa...

TURIDDU

Me perdoe, me perdoe, eu....

DONA NUNZIA (de volta trazendo um garrafão e copos)

É o que restou daquele. Culpa tua!

COMADRE CAMILLA

Alegria! Alegria!

TIO BRASI

E tudo por tua conta. Foi você quem disse.

TURIDDU

Disse e confirmo. E a senhora Mãe, não quer um pouco?

DONA NUNZIA

Não, não quero.(entra em casa resmungando)

TURIDDU

Está braba comigo porque eu... Bendita seja a gente de idade! Que não gosta de lembrar o que fizeram na juventude! Saúde, dona Lola! E a senhora também, comadre Camilla! Beba, Tio Brasi. Vamos acabar com essa tristeza!

CENA VII

Compadre Alfio, vindo da direita, Turiddu, Tio Brasi, dona Lola, Comadre Camilla e Tia Filomena.

COMPADRE ALFIO

Saúde pra todos!

TURIDDU

Venha aqui, compadre Alfio, beba um pouco de vinha com a gente. A nossa Saúde!

(Enchendo o copo para compadre Alfio)

COMPADRE ALFIO (Gesto de rejeitar o vinho)

Muito obrigado, compadre Turiddu. Não quero bebe desse teu vinho, que ele me faz é mal.

TURIDDU

Faça como quiser.(Joga o vinho no chão e coloca o copo sobre o banco)

TIO BRASI (fingindo que fala com alguém que o está chamando lá do estábulo)

Já vou, já vou.

TURIDDU

O que eu posso então fazer pelo senhor, compadre Alfio?

COMPADRE ALFIO

Aqui nada, compadre. O que eu quero você já sabe.

TURIDDU

Estou a sua disposição. (Tio Brasi já sob o alpendre faz sinal para que sua mulher saia dali.

Comadre Camilla se dirige para casa)

DONA LOLA

O que vocês tão querendo...

COMPADRE ALFIO (sem dar atenção para a mulher, puxando-a dali)

Se der prá você vir um momento aqui fora, a gente vai poder conversar melhor sobre aquele nosso negócio.

TURIDDU

Me espere lá no fim da rua, depois da última casa, que vou aqui dentro pegar uma coisa que eu preciso, e já já a gente se encontra. (Se abraçam e se beijam. Turiddu morde levemente a orelha de Alfio)

COMPADRE ALFIO

Essa pegou forte, compadre Turiddu. Você foi muito bem. Isso é que um jovem de honra.

DONA LOLA

Ai Virgem santíssima! Você vai aonde, Alfio?

COMPADRE ALFIO

Vou aqui perto. Prá que você quer saber? Prá ti seria melhor é que eu não voltasse mais.

TIA FILOMENA(Se afasta balbuciando) Ai Jesusmariajosé!

TURIDDU (Somente para compadre Alfio)

Olha, compadre Alfio , por Deus,sei que estou errado . E eu me deixaria ser morto por você sem dar um pio só. Mas tenho uma dívida com a comadre Santa, coisa de consciência, pois eu a fiz cair feio, feio. Por isso, por Deus, eu vou te matar como quem mata um cão, pra que aquela pobre mulher não fique largada no meio da rua.

COMPADRE ALFIO

Vamos ver... Cuide-se... (sai pelo atalho ao fundo à esquerda)

CENA VIII

DONA LOLA

Ah, compadre Turiddu! Como eu vou ficar?

TURIDDU

Não posso te ajudar em nada. Tudo se acabou entre nós. Não viu que estamos juntos abraçados pela vida e pela morte com o teu marido? Ah, mãe!

DONA NUNZIA (Aparecendo) E agora, o que houve?

TURIDDU

Vou sair prá fazer um serviço, mãe. E vai ter que ser bem feito. Eu preciso da chave do portão que dá pro jardim, prá ir mais rápido. Me abrace, mãe, como quando eu virei soldado e a senhora achava que eu nunca mais ia voltar... E hoje é dia de Páscoa.

DONA NUNZIA

Mas por que você....

TURIDDU

Só me abrace, mãe, deixe, como fosse o vinho a razão disso tudo, vinho que não bebi além da conta. Eu vou dar uma caminhada por aí prá refrescar a mente. E ... Cuida da Santa. Ela não tem ninguém nesse mundo. Cuida dela, Mãe, vê se cuida.(Entra em casa)

Dona Nunzia atônita. Dona Lola em grande perturbação. Comadre Camilla espreitando da esquina. Tia Filomena na saída de sua casa. Tio Brasi junto ao alpendre.

DONA NUNZIA

Não sei o que dizer!!! ?

TIO BRASI (Achegando-se cheio de desvelos) Dona Lola, volte prá sua casa, volte agora!

DONA LOLA (Perturbadíssima) Por quê? Por quê?

TIO BRASI

Não pega bem você aqui na praça sozinha, viu? Se quiser que eu acompanhe acompanhe a senhora eu... Ô Camilla, fica aqui com a comadre Nunzia que eu...

TIA FILOMENA (Aproximando-se) Ai JesusMariaJosé! JesusMariaJosé!

DONA NUNZIA

Cadê o meu filho?

COMADRE CAMILLA (ao pé do ouvido de seu marido)

Você sabe de alguma coisa?

TIO BRASI (baixinho) Sua estúpida, não viu quando ele mordeu a orelha do outro? Ah, não sei se te mato, ou se você me acaba me matando com essas coisas!

COMADRE CAMILLA

Ai Santíssima Maria que abre os caminhos!

DONA NUNZIA (Cada vez mais perplexa) Mas cadê meu filho? Meu filho!! Ninguém quer me dizer nada? Por quê? Por quê?

DONA LOLA

Só nos resta,Dona Nunzia, cumprir com essa Páscoa maldita. E esse vinho que a gente bebeu vai é se tornar todo em veneno!

PIPPUZZA (Vindo do fundo aos gritos) Mataram o compadre Turiddu! Mataram o coitado!

Todos correm gritando em direção ao fundo. Dona Nunzia, fora de si, arranca os cabelos da cabeça. Dois soldados atravessam a cena correndo.